

O GENOCÍDIO INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA (1-4)

OS MAPUCHES (1-2)

Manoel de Andrade

A ODISSEIA DE UM POVO ESQUECIDO¹

1. Um cavaleiro de 120 anos

Na manhã do último dia, Jorge e eu saímos de carro a fim de que ele me mostrasse certas regiões de montanha e os recantos mais belos do Golfo de Arauco, no sul do Chile. Percorríamos uma região urbana próxima aos caminhos que levavam às montanhas, quando vimos um estranho cavaleiro descendo lentamente pela estrada. Jorge parou o carro para esperarmos vê-lo passar e me contou que era um respeitável ancião da etnia mapuche, conhecido por todos na cidade. Tinha 120 anos e semanalmente, montando seu cavalo, descia da montanha até um local ali perto, onde os indígenas da sua comunidade chegavam para vender seus produtos artesanais. Contou-me que o conhecia desde menino e que morava no alto daquela região, onde havia reduções indígenas, com suas *rukas*, moradas mapuches, que em número de dez a quinze formavam suas aldeias. Ali se isolaram para manter ainda o que restou de sua identidade cultural, depois de 400 anos de intensas lutas alternadas entre vitórias, derrotas,

terras espoliadas, grandes massacres e da intolerância oficial do país em relação aos indígenas em geral, e objetivamente contra os araucanos -- porque essa era a denominação que Jorge e as pessoas da região usavam para se referirem aos mapuches, no período em que lá estive, em meados de 1969. Fazia poucos anos que estavam se achegando mais confiantes às cidades da região, depois do isolamento e dos traumas deixados há algumas gerações pelo grande genocídio, ironicamente chamado de "Pacificação da Araucânia". Eram muito numerosos e viviam na região espalhados em pequenos povoados nas montanhas do sul, sobrevivendo numa área limitada onde exerciam o pastoreio, a cerâmica, a tecelagem e a agricultura, cultivando o milho, batata, pimenta, feijão e a abóbora.

Acrescentou que os araucanos têm uma clara consciência do seu passado e que faziam questão de se manter separados dos chilenos. Relatou que seu avô paterno conhecia tudo sobre a história dos araucanos e aprendeu com ele o nome de seus guerreiros mais famosos como Colo Colo, Lautaro, Caupolicán e Pelanterú e muitos outros, cujos atos de bravura ele ouvia encantado, iluminado pelas chamas da lareira, nas frias noites de inverno. Contou que até um século atrás toda aquela região ao sul do Biobío eram os domínios da nação araucana, como um país culturalmente à parte, dentro do território chileno. Mas que quase todas as suas terras foram tomadas, e a eles apenas sobraram os valores de suas antigas tradições, sobrevivendo pelo espírito de sua invencibilidade cultural. Mantinham o vivo significado de sua história e a memória gloriosa dos seus heróis e mártires, ao longo dos séculos de combate. Mas que agora a sua imagem nacional era a de sobreviventes isolados naquelas regiões. Espoliados em suas terras, oprimidos pela legislação indígena, empobrecidos e

desprezados pelos governos coloniais e republicanos, os araucanos haviam se fechado para o Chile e para o mundo, isolando-se orgulhosamente nas paisagens mágicas das montanhas e em sua memória de lutas. Era como se só tivessem a memória do passado e nada mais. O presente e o futuro eram apenas um gesto de esperança, de sobrevivência e de incertezas. Sobreviviam no espírito invencível de uma incorruptível identidade étnica, desprezados pelo povo chileno e pela história oficial, transitando numa aventura humana sem destino. Era como se soubessem que sua nação indígena haveria de sobreviver apenas dentro dos direitos e deveres de uma legislação paternalista e nos limites de uma demarcação territorial cada vez mais usurpada.

Disse-me também que este grande povo, espalhado por todo o sul do Chile, chamava-se mapuche e que o nome araucano foi dado pelos espanhóis, no século XVI, cujo significado, na linguagem indígena, significa: rebelde. Seu avô lhe contara que eram originários da Argentina, de onde chegaram por um longo processo migratório pré-colombiano, instalando-se ao sul do rio Biobío, e para onde em parte voltaram, depois de pressionados pelos exércitos chilenos no século XIX, para ocupar o norte da Patagônia e a região dos pampas.



Cleto de Assis

Tudo aquilo que Jorge me contava era fascinante, mas também inacreditável. Eu estava há quase dois meses no Chile e, em Santiago, nunca ouvira falar dos araucanos e que sua verdadeira designação era mapuche.

Depois que o velho índio desapareceu ao fim de uma viela, seguimos de carro por outros caminhos, até chegarmos a uma praça onde algumas dezenas de araucanos se postavam em torno dos seus produtos. Artesanato em prata, com desenhos e incisões feitas com muita arte, cântaros de barro queimados e pintados com maestria, mostrando uma apurada técnica na cerâmica, e uma grande variedade de produtos têxteis. Como fazia

muito frio, comprei uma manta de lã crua e enrolei no pescoço. As mulheres, com expressão impenetrável, traziam longas tranças, e se cobriam com mantas, amarradas na cintura em faixas coloridas. Os homens eram sisudos e também usavam amplas mantas que caíam, cobrindo suas botas de couro. Jorge me disse que os araucanos não conhecem a escrita e falavam entre si a língua mapuche: o *mapudungun*. Eram baixos, maciços e fortes e com feições semelhantes a todos os ameríndios sul-americanos, cujas características lembram os traços polinésios (melanésios e australianos), conforme afirmou o etnólogo francês Paul Rivet em seu livro "*A Origem do Homem Americano*", baseado em semelhanças etnográficas, linguísticas e biológicas, e que teriam chegado à América do Sul, segundo outras fontes, passando entre as ilhas da Austrália e a Antártida.² Naquela época o estereótipo social de um povo rebelde e arredio, pelo trauma secular de suas lutas pela liberdade, começava a mudar. À noite, na casa de Jorge, comentando nosso encontro com os araucanos, seu pai contou que por duas vezes estivera na pré-cordilheira negociando a compra de cordeiros com famílias da região e que só recentemente, depois de muitas décadas, é que eles começaram a descer das montanhas para reiniciar os contatos comerciais com os chilenos.

Quando voltei de Lebu, fui me informar sobre os araucanos, por cujo nome eu os conheci, e como então eram chamados pelos próprios chilenos. Isolado algumas semanas na Biblioteca Nacional, terminei de ler *História General de Chile*, de Diogo Barros Arana, -- cuja leitura eu começara na casa do poeta Francisco Perez em Viña del Mar -- e me surpreendi ao constatar que o autor, além de minimizar a grandeza guerreira desse povo ante o invasor espanhol, via os araucanos como "bárbaros",

“carentes de inteligência e moralidade” e outros preconceitos obviamente condenáveis no ofício de historiador. Quanto à origem da palavra araucano, segundo o próprio Arana, teria se derivado do termo arauco, que foi o nome dado a uma fortaleza militar mandada construir pelo conquistador do Chile, Pedro de Valdivia, no sul do país: ³

2. “La Araucana” de Alonso de Ercilla

Continuando minha pesquisa, ironicamente a fonte mais legítima foi a de um espanhol que chegou ao Chile como conquistador e tornou-se o cantor de uma das odisséias mais extraordinárias e quase totalmente esquecida na América: a resistência do único povo indígena que jamais foi vencido pelos espanhóis no continente. Foi assim que tomei conhecimento e que li, fascinado, os quase 22.000 versos de *La Araucana*, de Alonso Ercilla y Zúñiga, ao qual o próprio Cervantes se referiu como o mais belo poema épico da língua espanhola. O erudito espanhol Marcelino Menéndez y Pelayo coloca-o como o marco inicial da literatura chilena e, segundo outros, como o primeiro trabalho literário do Novo Mundo. O poema chegou a ser considerado como a epopeia nacional do Chile, base da nacionalidade, a exemplo das grandes epopeias clássicas como a *Ilíada*, *Eneida*, *Os Lusíadas*, etc.

A Guerra de Arauco, de 1541 a 1883, foi o mais longo conflito militar da História. Durou mais de trezentos anos e nela o poder espanhol, cuja espada havia massacrado, no México, o grande império asteca e cuja astúcia conquistou o Império do Sol, no Peru, jamais conseguiu submeter o povo mapuche do sul do Chile, chamado pelos conquistadores de araucanos.⁴

Alonso, cortesão espanhol nascido em Madrid no ano de 1533, era um militar amante dos clássicos e pela sua cultura, foi pajem do futuro Rei da Espanha, Felipe II, o homem que, num dos períodos mais belicosos da história europeia, governou por meio século o mais extenso império do mundo. Alonso chegou à América como capitão da expedição espanhola contra os indígenas da região, comandada por García Hurtado de Mendoza y Manrique e depois de participar de muitos combates, voltou para a Espanha em 1562, para se dedicar à literatura. Alguns anos depois, começa a escrever em forma de versos suas crônicas das encarniçadas lutas entre os araucanos e espanhóis, das quais fora uma fiel testemunha. *La Araucana*, o grande poema épico que daí resultou – escrito durante vinte anos, a partir de 1569, e publicado em três partes, em 1569, 1578 e 1589 –, é apenas a parte inicial de uma guerra interminável que, durante três séculos, colocou em cheque o domínio espanhol no Chile. As grandes e muitas batalhas dessa longa guerra começaram em 1550, quando as tropas espanholas de Pedro de Valdivia são atacadas pelos guerreiros araucanos nas margens do Rio Andalién. É nessa passagem que aparece a figura de Lautaro, que, do canto três ao canto doze, conduz o heroísmo épico de toda a primeira parte da obra.

A resistência indígena atravessou todo o período colonial, e seu inquebrantável espírito continuou combatendo os soldados republicanos até 1883. Condenados à escravidão pela Coroa da Espanha, esse povo admirável não permitiu que os invasores fossem além do rio Biobío e neste embate, a guerra teve períodos de intensa crueldade, de ambos os lados. O grande chefe araucano Lautaro domina todo o cenário da primeira fase dessa guerra e suas táticas e façanhas são amplamente descritas no poema de Alonso. O que me intrigara no poema era o porquê da

atitude hostil dos mapuches contra os espanhóis, já que Fernão Cortez tinha sido tão bem recebido no México pela nação asteca e o mesmo se teria dado no Peru, não fosse a traição de Francisco Pizarro ao imperador Atahualpa, em Cajamarca.

3. Diego de Almagro: a busca do El Dourado

Compulsando a história do Chile, deduzi que toda aquela hostilidade surgira da imagem sanguinária deixada pelo primeiro conquistador espanhol que pisou em solo chileno e tentou submeter seus antigos habitantes: "*El adelantado*" Diego de Almagro. Ele, que partilhara da conquista do Peru com Pizarro, chegou ao Chile trazido pela ideia de que havia muito ouro no país, porque na verdade, o ouro, e somente o ouro foi o motivo da conquista espanhola na América. Partindo de Cusco, em 3 de julho de 1535, à frente de 500 soldados espanhóis, 100 escravos negros e milhares de *yanacunas*,⁵ fez a penosa travessia dos Andes, pela paisagem gelada e inóspita do Paso de San Francisco, onde morreram de frio dez soldados espanhóis, 170 cavalos e centenas de carregadores indígenas. Almagro era um homem cruel e ao chegar ao vale do Copiapó, inteirando-se da fuga de vários carregadores nativos e revoltado com a morte de três batedores espanhóis enviados ao Chile, chamou todos os caciques da região, os quais foram obrigados a presenciar a execução, na fogueira, dos indígenas culpados do assassinato. Apesar disso, os caciques picunches da região do Aconcágua desejavam um contato amigável com os brancos, convencidos que foram por dois espanhóis -- os primeiros europeus a descobrir o território chileno -- que ali chegaram meses antes fugindo de Pizarro, no Peru.⁶ Tratava-se de Antón Cerrada e Gonzalo Calvo de Barrientos. Este último teve as duas orelhas cortadas por Pizarro e se tornaria o mais fiel colaborador de Almagro.

Ainda que bem recebidos pelos caciques do vale do Aconcágua, os populares da região foram alertados pelo índio Felipillo, intérprete dos conquistadores, da má intenção dos espanhóis e durante a noite deixaram o local do encontro, embora vários caciques tenham sido presos e executados por Almagro. Felipillo, que fugira com eles, foi posteriormente preso e esquartejado por cavalos, sob a ordem de Almagro. O conquistador viera ao Chile em busca de um El Dourado, e ainda que desiludido, enviou ao sul uma coluna de 70 cavaleiros e 20 infantes, comandados por Gomez de Alvarado, para que explorassem o território. Quando a coluna chegou ao Rio Itata -- que, na época da conquista, era o limite natural entre o povo Picunche (gente do norte), e as etnias mapuche, (gente da terra) localizadas no sul⁷ -- aconteceu o primeiro enfrentamento entre os mapuchese os espanhóis, que superiores em armamentos e montados em seus cavalos, assustaram os indígenas, os quais imaginaram que cavalo e cavaleiro eram um único ser. Diante da bravura dos mapuches nessa batalha, posteriormente chamada de *Reinogüelen*, Almagro, sem ouro e assustado, decidiu voltar para o Peru.

O Chile passou a representar para os espanhóis o sinônimo de fracasso e os espanhóis passaram a ser vistos pelos indígenas chilenos como invasores cruéis. Quem sabe tenha sido essa primeira impressão deixada pelos espanhóis em território chileno que, ao contrário da boa recepção que tiveram no México e no Peru, tenha determinado a feroz resistência que ofereceram aos conquistadores durante três séculos. Devo ressaltar que esta é uma suposição baseada nos estudos parciais que fiz naquela época em Santiago, fruto das pesquisas de um observador itinerante e sem o rigor metodológico de um historiador. Mas nos últimos anos, a escritora chilena Isabel Allende, em seu recente livro *Inés Del Alma Mía*,

publicado em 2006, confirmou minhas suposições. A obra, considerada aqui pela respeitável referência bibliográfica em que se baseou, é um relato épico romanceado, contando a história da espanhola Inés Suárez – que foi amante de Pedro de Valdivia e participou da fundação de Santiago e da conquista do Chile – e discorre, em dado momento, sobre a chegada de Valdivia e a contínua hostilidade encontrada entre os indígenas da região norte do Chile, ao chegar nas proximidades do local onde fundaria Santiago. Diz o conquistador:

– Mandaremos emissários para explicar a eles que viemos em paz – anunciou Valdivia a seus principais capitães.

– Não é boa ideia – opinou Benito –, porque sem dúvida ainda lembram do que aconteceu há seis anos.

– De que fala, mestre?

– Quando vim com dom Diego de Almagro, os índios chilenos nos deram não apenas mostras de amizade, como também o ouro correspondente ao tributo Inca,⁸ já que tinham conhecimento de que este fora derrotado. Insatisfeito e cheio de suspeita, o governador os convocou com promessas amáveis para uma reunião e, mal ganhou sua confiança, nos deu ordem para atacá-los. Muitos morreram na refrega, mas prendemos trinta caciques, que atamos a umas estacas e queimamos vivos – explicou o mestre-de-campo.

– Por que fizeram isso? Não era preferível a paz? – perguntou Valdivia, indignado.⁹

4. A Guerra dos 500 anos. Pedro de Valdivia. Fundação de Santiago e a conquista do Chile

A verdadeira história da conquista do Chile começa em 1540 quando Pedro de Valdivia, lendo alguns relatos de Almagro, decidiu deixar o Peru e marchar para o sul, movido pela cobiça e pela existência de grandes minas de ouro. Nascido em Villanueva de la Serena, em 1497, o conquistador espanhol ingressou na carreira militar em 1520, participando de campanhas nos Países Baixos, em Flandres e na Itália, onde se destacou na Batalha de Pávia.

Chegando ao Peru em 1535, integra-se às forças de Francisco Pizarro e depois de sua participação vitoriosa na Batalha de Salinas contra Diego de Almagro, em 1537, recebe de Pizarro o aval para retomar a conquista do Chile. Em janeiro de 1540, à frente de 200 militares espanhóis e algumas centenas de *yanacunas*, atravessa o longo deserto de Atacama, fundando em 12 de fevereiro de 1541, ao pé do Morro Santa Lucia, a cidade de Santiago, com o nome de Santiago de Nova Estremadura, em homenagem à região da Espanha onde nascera. Santiago sofreu muitos ataques dos índios picunches e foi arrasada em 11 de setembro de 1541, pelo cacique Machimalonco, onde lutou bravamente Inés Suárez, amante de Pedro de Valdivia, que estava ausente da cidade.

Depois de fundar em 1544, a cidade de La Serena, ao norte, resolve estender os limites do seu domínio para o sul, mas encontrando, em 1546, a tenaz resistência do povo mapuche na localidade de Quilacura, decide voltar ao Peru no ano seguinte. Confirmado como Governador do Reino do Chile, regressa a

Santiago, dois anos depois, decidido a ampliar sua área de conquista para o sul e achar ouro na região.

Na primeira grande batalha, bate os araucanos em Andalién, em 24 de fevereiro de 1550, e depois funda a cidade de Concepción, na margem norte do Biobío e, nos anos seguintes Tucapel, Purén, Angol, Imperial e, posteriormente, Villarrica, Valdivia e Osorno. Embora já famoso na Espanha e na América pela conquista do Chile, sua ambição doentia leva-o a uma constante procura do ouro, até apossar-se das grandes jazidas de ouro de Quilacoya, onde vinte mil índios trabalharam sob o seu chicote. A partir de então o egoísmo e a cobiça pelo ouro e pela fama fazem de Pedro de Valdivia um homem sem amigos, uma personalidade calculista, desumana e sombria. Nas palavras de Inés:

"Meu amante era um homem generoso, de ideias esplêndidas, sólidos princípios católicos e uma coragem a toda prova – boas razões para admirá-lo – ,mas também tinha defeitos, alguns bastante graves. O pior foi certamente sua desmedida ambição de fama, que no fim custou a vida dele e de muitos outros; (...)"¹⁰

Sua imagem de conquistador começa a manchar-se, pela maldade com que castigava e matava de fome, de frio e pelo látigo, os índios que trabalhavam em suas minas. Frei Bartolomé de las Casas, num outro contexto geográfico, descreve a dimensão dessa crueldade e dessa avareza, falando do "soluço do ouro" e do apetite em que viviam aqueles famintos fidalgos espanhóis.

Apesar do sucesso militar da primeira batalha em Andalién, os mapuches haviam se reorganizado e passaram a ameaçar o poder espanhol ao sul do Biobío. A tomada do forte Tucapel, sob o

comando de Lautaro, obrigou Valdivia ao grande enfrentamento na Batalha de Tucapel, onde os espanhóis foram cercados e vencidos pelos araucanos, e onde ele caiu aprisionado e morreu executado, aos 57 anos, apesar dos apelos de Lautaro e Caupolicán. É que havia, na memória dos araucanos, um invencível sentimento de ódio e vingança em relação ao conquistador. Depois da primeira batalha, em que Valdivia bateu os araucanos em Andalién, ele deixou sua imagem indelevelmente manchada de sangue por um ato de suprema crueldade, que jamais se apagaria nas páginas de sua história e na história do Chile. Dias depois do combate, à frente de um grupo de soldados, ele aprisionou, nas povoações próximas, um grande número de indígenas. Pretendendo intimidá-los, escarmentá-los e dar uma orgulhosa demonstração do poder espanhol na região, ordenou que os castigassem a chicotadas e outros meios, até caírem prostrados ou mortos. Sem conhecer ainda a cultura militar e a estoica disciplina social dos araucanos, foi surpreendido com a ausência sequer de um gemido entre todos os martirizados. Indiferente àquele admirável ato de comovente heroísmo demonstrado por um povo ainda tão selvagem e ferido no coração pela sua soberba, ordenou que decapitassem vários deles e pendurassem as cabeças sangrando, no pescoço dos demais, aos quais mandou decepar as mãos, orelhas e narizes.

*"Assim nasceu a guerra pátria.
Valdivia enfiou a lança gotejante
nas entranhas pedregosas
de Arauco, meteu a mão
no palpitar, apertou os dedos
no coração araucano,
derramou as veias silvestres
dos labregos,*

*exterminou
o amanhecer pastoril,
ordenou martírio
ao rei do bosque, incendiou
a casa do dono do bosque,
cortou as mãos do cacique,
devolveu os prisioneiros
com orelhas e narizes cortados,
empalou o Toqui, assassinou
a moça guerrilheira
com sua luva ensanguentada
marcou as pedras da pátria,
deixando-a cheia de mortos
e solidão e cicatrizes.”¹¹*

E assim, quase semimortos pelo castigo e tangidos pela dor atroz dos punhos ensanguentados, foram obrigados a caminhar, com as cabeças penduradas dos companheiros, sob a guarda e o olhar perplexo dos próprios soldados, em direção as suas aldeias. Eles deveriam ser os emissários do poder espanhol a todas as nações indígenas da região ao sul do Biobío, mas tornaram-se os embaixadores de uma guerra de resistência e de vingança que por muito pouco não frustrou a conquista espanhola do Chile.

5. Lautaro: o índio que enfrentou um império

Lautaro, pelas suas excepcionais qualidades de estrategista, foi o maior líder militar do seu povo, durante a primeira parte da conquista espanhola no Chile. Filho do cacique Curiñancu, nasceu em Tirúa, por volta de 1534 e tinha onze anos quando foi capturado pelos soldados de Pedro de Valdivia, nas proximidades de

Concepción. Durante os seis anos como prisioneiro, conseguiu a confiança dos espanhóis e tornou-se pajem de Valdivia, cuidando de seus cavalos e acompanhando-o nos treinamentos e nos frequentes embates militares contra seu próprio povo. Sempre atento às estratégias de luta ensinadas por Valdivia, Lautaro fez uma grande amizade com Marcos Veas, um dos capitães da cavalaria, que o transformou num excepcional ginete e lhe ensinou o uso das armas e as táticas de ataque. Tinha dezesseis anos quando resolveu voltar para seu povo. Em fevereiro e março de 1550, durante as batalhas de Andalién e de Penco, presenciou as crueldades de Valdivia e seus soldados contra seus irmãos indígenas, mutilando-os e libertando-os para servir de exemplo, com o objetivo de preveni-los pelas consequências das suas rebeliões. Revoltado contra os espanhóis e decepcionado em face do o respeito que tinha por Valdivia, e apesar do carinhoso tratamento que dele recebia,¹² começou a planejar cuidadosa e convenientemente a sua fuga. No decorrer dos meses foi aprimorando seus conhecimentos sobre as táticas de guerra e em 1552, segundo o cronista da época Góngora Marmolejo, foge a cavalo, levando consigo a corneta de Pedro Godinez, o mestre de campo de Valdivia.¹³

Conta o poema *La Araucana* que a chegada de Lautaro causou surpresa e desconfiança entre os araucanos. Reunindo-se com os grandes caciques Paicaví, Lemo Lemo, Lincoyán, Tucapel e Elicura e relatando as informações estratégicas que trazia, e seus propósitos de ensinar-lhes novas táticas de guerra contra os espanhóis, foram-se abrindo os caminhos para sua futura liderança.

No curto período de três anos em que comandou a guerra contra os invasores, Lautaro

transformou a vida do seu povo. Por sua genialidade militar, ao enfrentar os exércitos espanhóis, lembra o general cartaginês, Aníbal, ao enfrentar as poderosas formações das tropas romanas. Estabeleceu uma tática disciplinada de infantaria, onde cada coluna tinha um chefe, passando a enfrentar com sucesso a formidável cavalaria espanhola, ensinando que não deviam ter medo dos cavalos e ver o animal como um ser separado do cavaleiro. Fez cavar valas profundas para evitar o choque direto com os cavalos. Convocou os guerreiros para treinarem em campo aberto, trazendo outros métodos militares e o uso de novas armas. Ensinando outras formas de defesa contra as fortes cargas da cavalaria espanhola, negou a eficácia dos ataques massivos e desfez a ideia de que toda retirada era uma covardia, mas sim uma tática de combate. Enfatizou a importância das emboscadas e da guerra de guerrilhas em ataques sucessivos, bem como a criteriosa escolha dos terrenos de combate. Reproduzindo os métodos espanhóis, passou a usar o toque de corneta como sinal de alerta, agrupamento e dispersão nos palcos de combate e criou um eficiente serviço de inteligência e investigação. Seus "agentes secretos", formados de homens, mulheres e adolescentes previamente treinados, penetravam nos acampamentos espanhóis simulando a embriaguês, a loucura, a busca do cristianismo ou mesmo como traidores de seu povo, para trabalhar como falsos informantes, ou como escravos nas atividades domésticas. Aparentando total desconhecimento do idioma espanhol, e atuando como serviçais da

oficialidade do exército, colhiam informações e divulgavam notícias incorretas sobre possíveis ataques mapuches. A fim de fazer a espionagem durante a noite, alguns deles passavam vários dias na obscuridade, treinando a visibilidade noturna. Neste amplo sistema de espionagem, criou-se um código de comunicação, através dos movimentos dos ramos das árvores e todo esse serviço de informações era hierarquizado sob o comando de um chefe. Sabedor das dificuldades da sobrevivência do seu povo nos longos períodos de guerra, disciplinou o sistema das colheitas, armazenando os alimentos para o inverno. Com base nas observações que fez durante os seis anos que passou no acampamento espanhol, criou vários comandos nas diversas atividades de suas hostes guerreiras. Destacando-se pela sua inteligência e seu carisma, foi eleito *ñidoltoqui*, *toqui* de *toquis*, o chefe máximo em tempo de guerra. Mudando radicalmente as técnicas de luta do seu povo e considerando a relatividade do território em que desenvolveu suas táticas militares, Lautaro pode ser comparado aos grandes guerreiros da história. Contagiando o povo com o ardor e a beleza da sua eloquência, levou seus guerreiros a uma das fases mais heroicas da Guerra de Arauco. Neruda celebrizou seu nome nos versos do *Canto Geral*:

*"Lautaro era uma flecha delgada.
Elástico e azul foi o nosso pai.
Foi sua primeira idade só silêncio.
Sua adolescência foi domínio.*

*Sua juventude foi um vento dirigido
Preparou-se como uma longa lança.
Acostumou os pés nas cachoeiras.
Educou a cabeça nos espinhos.
Executou as provas do guanaco.
Viveu pelos covis da neve.
Espreitou as águias comendo.
Arranhou os segredos do penhasco.
Entreteve as pétalas do fogo.
Amamentou-se de primavera fria.
Queimou-se nas gargantas infernais.
Foi caçador entre as aves cruéis.
Tingiram-se de vitórias as suas mãos.
Leu as agressões da noite.
Amparou o desmoronamento do enxofre.
Se fez velocidade, luz repentina.
Tomou as vagarezas do outono.
Trabalhou nas guaridas invisíveis.
Dormiu sobre os lençóis da nevasca.
Igualou-se à conduta das flechas.
Bebeu o sangue agreste dos caminhos.
Arrebatou o tesouro das ondas.
Se fez ameaça como um deus sombrio.
Comeu em cada cozinha de seu povo.
Aprendeu o alfabeto do relâmpago.
Farejou as cinzas espalhadas.
Envolveu o coração de peles negras.*

*Decifrou o frio espiral do fumo.
Construiu-se de fibras taciturnas.
Azeitou-se com a alma da azeitona.*

*Fez-se cristal de transparência dura.
Estudou para vento furacão.
Combateu-se até apagar o sangue.”*

E só então foi digno de seu povo.”¹⁴

Em seu romance histórico, Isabel Allende, através da sua heroína, descreve assim a imagem do grande guerreiro:

“Seu nome verdadeiro era Lautaro e chegou a ser o mais famoso toqui da Araucania, temido demónio para os espanhóis, herói para o mapuche, príncipe da epopeia guerreira. Sob seu comando, as hostes desordenadas de índios se organizaram como os melhores exércitos da Europa, em esquadrões, infantaria e cavalaria. Para derrubar os cavalos sem matá-los -- eram tão valiosos para eles como para nós --, utilizou as boleadeiras, duas pedras atadas nas pontas de uma corda, que se enrolavam nas patas e tombavam o animal, ou no pescoço do cavaleiro para desmontá-lo. Mandou seus homens roubarem cavalos e se dedicou a criá-los e domá-los; fez a mesma coisa com os cachorros. Treinou seus homens para transformá-los nos melhores cavaleiros do mundo, como o era ele mesmo, de maneira que a cavalaria mapuche chegou a ser invencível. Trocou as antigas clavas, desajeitadas, pesadas, por outras curtas, muito mais eficazes. Em cada batalha se apoderava das armas do inimigo para usá-las e copiá-las. Estabeleceu

um sistema de comunicação eficiente – até o último de seus guerreiros recebia ordens de seu toqui num instante – e impôs uma disciplina férrea, somente comparável à dos célebres regimentos espanhóis. Transformou as mulheres em guerreiras ferozes e pôs as crianças para transportar víveres, armamentos e mensagens. Conhecia o terreno e preferia a mata para ocultar seus exércitos, mas, quando foi necessário, levantou púncaras em lugares inacessíveis, onde preparava sua gente, enquanto seus espões o informavam de cada passo do inimigo, para sair em vantagem sobre ele. No entanto, não pôde mudar o mau costume de seus guerreiros de se embebedarem com chicha e munday até ficarem zonzos depois de cada vitória. Se houvesse conseguido, os mapuche teriam exterminado nosso exército no sul. Trinta anos mais tarde, o espírito de Lautaro ainda anda à frente de suas hostes e seu nome ressoará por séculos. Nunca poderemos vencê-lo.¹⁴⁵

A partir do comando de Lautaro, os espanhóis já não transitariam tranquilos sobre toda a região ao sul do rio Bío-Bío. O povo mapuche situado entre as fronteiras de duas forças inimigas, estava ameaçado pelas tropas espanholas sediadas no Forte Purén, ao sul, comandadas por Gomez de Almagro e o exército de Valdivia, sediado na cidade de Concepción, ao norte. Sabendo que Valdivia, em dezembro de 1553, deixava Concepción em marcha para o sul, com destino a Arauco, Lautaro isola, com um estratagema, as forças de Gomez de Almagro e ataca e destrói o Forte

Tucapel, para onde se dirige Valdívía, vigiado, passo a passo, do alto da montanha pelos seus batedores. Estranhando o caminho livre e a ausência de notícias do Forte Tucapel, o conquistador envia, no dia de Natal, um comando de seis homens para avaliar a posição inimiga. Os soldados não voltam e mais adiante estacam, horrorizados com uma sinistra paisagem no caminho da floresta: pendurados nas árvores pendiam as cabeças dos seis patrulheiros, e no chão jaziam espalhados seus membros esquartejados.

6. Tucapel: a mais sangrenta batalha dos espanhóis no Novo Mundo

Na manhã seguinte, no dia 26 de dezembro de 1553, os registros das crônicas da conquista documentam que se travou uma das mais sangrentas batalhas dos exércitos espanhóis no Novo Mundo. Pedro de Valdivia retoma a marcha, sempre vigiado a distância, até chegar ao alto de um monte, onde divisou a fumaça do Forte incendiado. Sem notícias de Almagro, segue em direção ao Forte, quando, precedido por uma saraivada de flechas vindas da floresta, os sucessivos batalhões de Lautaro emboscam as tropas espanholas. Militar experiente, Valdivia reagrupa sua defesa e cerca, com acavalaria, a retaguarda mapuche, mas o previdente Lautaro já havia disposto seus lanceiros para abortar o contra-ataque. Os espanhóis conseguem rechaçar os indígenas, que se retiram para a floresta, enquanto os soldados comemoram a vitória. Seguindo a tática de Lautaro, seus esquadrões retornam à carga com

lanceiros, além de laços e boleadeiras que jogaram por terra os cavaleiros. Ao som de uma distante corneta, os guerreiros se retiraram e um novo esquadrão surge da floresta, trazendo agora Lautaro na vanguarda para enfrentar Valdivia – seu antigo amo – nas últimas cenas que se desenrolavam no palco da terrível batalha. Os mapuches, seguindo a genialidade tática de um jovem de apenas 20 anos, surgem em disciplinadas formações de infantaria, que desorganiza toda a cavalaria espanhola. A situação era desesperante para Valdivia. Vendo suas tropas cansadas e enfraquecidas por tantas baixas, procurou reagrupá-las e partiu para o ataque final. Era uma batalha entre gigantes: o conquistador do Chile e o maior herói da sua resistência. Na disputa pessoal entre ambos, conta o cronista e jesuíta espanhol Diego de Rosales, presente na batalha, que Lautaro pôs a lança no peito de Valdivia e disse-lhe: *"Foge Valdivia, se não pagarás, por minhas mãos, os açoites que recebi em tua casa."* Foi uma sangrenta batalha marcada pelo ódio obsessivo dos contendores, onde se disputava a sobrevivência de uma indomável nação indígena e o orgulho colonial da Espanha, numa encarniçada luta, onde centenas de vidas foram dizimadas de lado a lado.

Dizem os cronistas que em dado momento Valdivia grita desesperado aos oficiais restantes: *"Caballeros, qué haremos?"* Ao que o Capitão Altamirano responde: *"Qué quiere vuestra señoría que hagamos si no que peleemos y muramos!"*. Valdivia, sem outra opção, ordena a retirada, porém Lautaro

ataca a tropa pelos flancos, provocando a debandada. Os soldados dispersos pelos campos são mortos um a um. Valdivia e Diego de Rosales conseguiram cavalgar até um pântano, onde os cavalos atolaram e ambos foram capturados. Depois de um julgamento, e apesar do apelo de Lautaro em seu favor, Valdivia foi barbaramente torturado e morreu três dias depois. Conta-se que seu crânio foi usado durante 50 anos como um símbolo da derrota dos espanhóis.¹⁶

O historiador chileno Diego Barros Arana, em sua *Historia General de Chile*, ao relatar no primeiro volume os episódios da conquista, detalha os cruéis ressentimentos com que os araucanos redimiram os sofrimentos de seus irmãos açoitados e mutilados por Valdivia, depois da Batalha de Andalién. Aprisionado na Batalha de Tucapel, e levado desnudo para o acampamento indígena, o conquistador espanhol foi barbaramente supliciado e morto pelos mapuches. Nas palavras de Arana:¹⁷

“La fatiga del combate, la enormidad del desastre que acababa de experimentar aquellos crueles sufrimientos habían abatido el espíritu del altivo y valiente capitán.(...) “Devolvedme la libertad, dijo entonces Valdivia, y sacaré los españoles de vuestras tierras, despoblaré las ciudades que he fundado y os daré, además, dos mil ovejas”. Por única respuesta los índios vociferaran las más feroces amenazas.(...) Valdivia fue martirizado de una manera cruel. Aunque los índios tenían las espadas y dagas que habían quitado a los vencidos, prefirieron usar las conchas

marinas que usaban como cuchillos. Con ellas le cortaron los brazos, y después de asarlos ligeiramente, los devoraron en su presencia. Un antiguo documento refiere que el conquistador del Chile vivió tres días en médio de estas torturas y que al fin expiró de extenuación y de fatiga."

Nos rastros da vitória de Tucapel, os esquadrões de Lautaro sitiaram a cidade de Concepción, base estratégica dos espanhóis e agora defendida por Francisco de Villagra, o terceiro na sucessão testamentária deixada por Valdívia. Reunindo um pequeno exército composto por 154 soldados e cerca de dois mil índios yanaconas, e trazendo, pela primeira vez na Guerra de Arauco, o uso da artilharia, o exército de Villagra saiu a campo para dar combate aos mapuches, em 09 de fevereiro de 1554. As forças de Lautaro observavam a distância o seu deslocamento, permitindo que chegassem até a região montanhosa de Marihueñú, na travessia da Cordilheira da Costa, onde foram atacados numa planície cortada por um longo precipício e a floresta fechada. Na encarniçada batalha que se estendeu desde o amanhecer até a tarde, os espanhóis, apesar de todo o estrondo do fogo de artilharia -- de cujo alarmante explosão Lautaro já havia desmistificado seus guerreiros -- foram vencidos pelos sucessivos recuos e ataques dos mapuches. Villagra conseguiu fugir com alguns soldados e yanaconas, perdendo todo seu armamento pesado.¹⁸

"Cortados en su marcha por los cuerpos de indios y por los troncos de árboles que estos habían

puesto en los senderos, los castellanos tuvieron que vencer todo género de obstáculos para abrirse paso por las serranías de Marihueñu (23 de febrero de 1554). Muchos de ellos perecieron, pero otros pudieron retirarse con Villagra.¹⁹

A partir da vitória na batalha de Marihueñú -- descrita em vivas cores nos cantos 5 e 6 de *La Araucana* -- consolida-se o poder de Lautaro sobre toda a região ao sul do Biobío e a partir de então sua estratégia militar se concentraria não mais numa guerra de defesa, mas de independência, e pela expulsão total dos invasores de seu país. Diz o cronista Diego de Rosales que depois da vitória de Marihueñú, Lautaro gritava orgulhoso no alto de uma colina: *Inche Lautaro, apumbin tu pu huinca*, ou seja: *Eu sou Lautaro, que acabei com os espanhóis*. Segundo alguns biógrafos de Lautaro, essa frase é repetida até hoje pelos seus descendentes.

Por sua vez, Arana,²⁰ descrevendo a estratégia que levou Lautaro à estrondosa vitória de Tucapel, afirma que:

“Cuando se estudian en las antiguas crónicas estas disposiciones estratégicas, del caudillo araucano, el historiador está tentado a creer que la imaginación las ha engalanado, porque se hace difícil creer que aquellos salvajes hubiesen ideado un plan de batalla tan razonable y discreto. Sin embargo, en las páginas siguientes hemos de ver que Lautaro tenía las dotes de

un gran soldado, y que sus guerreros poseían, junto con la más extraordinária audacia, una rara habilidad para engañar y para sorprender al inimigo. Los araucanos como lo han probado en tres siglos de lucha, demostraban en la guerra cualidades de penetración y de astucia que parecerían inconciliables con su estado de barbárie, a todo el que no conozca la singular habilidad que algunos pueblos, más salvages todavía, han solido desplegar en sus campañas militares”.

A derrota sofrida por Villagra levou o pânico à população de Concepción, que iniciou sua fuga em massa para Santiago. Os antigos cronistas espanhóis – Mariño de Lovera e Góngora Marmolejo -- relatam que se os 30.000 guerreiros araucanos, ao invés de festejarem por vários dias a vitória, tivessem invadido Concepción, como queria Lautaro, toda a nascente população teria sido exterminada e teria sido dado um golpe mortal nos desejos de conquista da região pelos espanhóis. Dias depois, os araucanos encontraram a cidade deserta e a reduziram a escombros fumegantes.

7. A crueldade dos espanhóis: noventa e nove mais um, queimados vivos

Depois da vitória de Marihueñú, o resto do ano de 1554 foi amargo para o povo mapuche. A colheita foi reduzida e começou a surgir entre eles uma doença desconhecida. Era o tifo, trazido pelos espanhóis, que nos próximos anos iria dizimar a população indígena. Sabendo da penosa situação por que atravessavam as aldeias, o Capitão Francisco de

Villagra resolveu vingar-se da derrota de Marihueñú. Com suas forças militares reforçadas, fez, na primavera daquele ano, o percurso de Santiago à cidade de Imperial, então o mais forte baluarte das defesas espanholas no sul. Enfraquecidos pelas enfermidades e pela fome, os guerreiros mapuches viram os espanhóis romperem o cerco comandado por Caupolicán, e retiraram-se para a floresta. Villagra ordenou a perseguição com suas ferozes matilhas de cães. Os animais, amestrados na caça de indígenas, massacraram as pequenas aldeias, cujos sobreviventes fugiam apavorados. Foi nesse contexto que ocorreu um dos mais abomináveis episódios na história do Chile. Os militares espanhóis, em sua sanha de vingança, colocaram os prisioneiros num rancho para queimá-los vivos. Um dos soldados, chamado José Macias, se pôs a contá-los e ao verificar que somavam noventa e nove, agarrou um índio inocente, servidor da caravana de Villagra, jogando-o nas chamas para que completasse cem. Foi essa inacreditável perversidade que uniu os araucanos de todos os rincões, despertando os que sobreviveram às epidemias para a luta de reconquista sob as ordens de Lautaro, que a partir de então começou a reorganizar o seu exército.

8. Lautaro arrasa pela segunda vez Concepción e prepara o ataque a Santiago

Pressionados pelo grande aumento da população de Santiago, a Audiência de Lima ordenou em fins de 1555 a reconstrução de Concepción, arrasada por Lautaro. Em dezembro daquele ano,

chegam por terra e por mar as primeiras levas de soldados e civis que reiniciam a construção da cidade. Ao saber disso, Lautaro reúne 4.000 guerreiros e ataca primeiramente Angol, cujos habitantes fugiram para La Imperial.²¹

Depois de destruir Angol, Lautaro ataca Concepción, vence os espanhóis e causa seu segundo despovoamento. Nos dois anos seguintes não se ouviu falar de espanhóis na região ao sul de Biobío. Em fins de 1556, apesar das doenças e da fome que grassava no seu povo e da grande seca que abortou suas colheitas, Lautaro juntou 2.000 guerreiros e cruzou pela primeira vez o rio Biobío, com o objetivo de engrossar suas tropas, recrutando mais guerreiros entre o povo picunhe, visando atacar Santiago e expulsar os espanhóis do Chile. Alertadas sobre a aproximação de Lautaro, partiram da capital 15 batedores para avaliar a situação na região do rio Maule, dos quais um foi morto pelos araucanos e seu corpo pendurado no alto de um carvalho. Com a aproximação de Lautaro, o pânico tomou conta de Santiago e a cidade começou a levantar suas defesas.

Em vista da ameaça, Pedro de Villagra, primo de Francisco Villagra, começa a organizar a ofensiva deslocando-se até Peteroa, onde Lautaro, atacando pela primeira vez com a cavalaria mapuche armada de lanceiros, obriga o capitão espanhol a retirar-se até um vale, onde pede socorro a Santiago. Lautaro avança, cruza o Rio Itata – limite natural entre as etnias mapuche e os picunches -- e as suas margens

reagrupa as forças para o ataque. Os reforços que vieram para socorrer Pedro de Villagra, comandados por Diego Godinez, encontraram-se com novas tropas araucanas a caminho de Lautaro, resultando numa aguerrida batalha, na qual Godinez retirou-se ferido, com poucos sobreviventes.

Nesse período de confrontos, Lautaro estabelece uma negociação militar com seu antigo amigo espanhol, o capitão de cavalaria Marcus Veas, que o treinara na montaria e nas armas de ataque, quando ainda era um jovem prisioneiro nos acampamentos de Pedro de Valdívia. Veas, agora a serviço de Villagra, sugere-lhe a rendição, insinuando que ele não poderia vencer o poder espanhol. Lautaro responde apontando as margens do Rio Maule como caminho da sua retirada e exigindo o resgate de cavalos e armas para não atacar. Nesse impasse, terminou a entrevista e a antiga amizade.

9. A traição e a morte de Lautaro

Nos dias seguintes, depois de cruzar o Rio Maule, os batedores de Lautaro o informavam que Francisco de Villagra, derrotado na Batalha de Maruhueñú, saíra em seu encontro com uma força de cavalaria, arcabuzeiros e mais de mil yanaconas. Lautaro, numa manobra tática e sabendo que Santiago ficaria quase desguarnecida, militarmente, desvia suas forças para o norte e deixa-o avançar para o sul. Depois de tantas vitórias, o sabor do poder havia maculado a imagem do grande caudilho.

Intransigente com os povos que não queriam aderir aos seus projetos de reconquista dos territórios em poder dos espanhóis, criou inimigos entre os picunches e os promacahues. Entre os últimos, o ódio mortal de um jovem índio, cujo pai vira morrer queimado pelos mapuches. Esse jovem, ferido pela dor da orfandade e pela ânsia de vingança, abriria o caminho para a morte de Lautaro. Foi nessa época que perdeu seu grande aliado, o cacique Chillicán, que descontente com as radicais posições de Lautaro, modificou sua estratégia de atacar os espanhóis sediados ao norte, além de Santiago. O *toqui* então resolve retroceder para o sul até um forte nas margens do Rio Mataquito, nas íngremes encostas do monte Caone. Francisco de Villagra, informado pela ânsia de vingança daquele jovem índio do novo acampamento de Lautaro, reuniu suas forças às de Godinez, no povoado de Mataquito. Lautaro estava informado que os espanhóis estavam bem mais ao sul e por isso relaxou a vigilância em seu acampamento. Cumpre ressaltar que os indígenas da região, e entre eles os yanaconas, descontentes com a presença de Lautaro, ocultaram a informação das novas manobras dos espanhóis. Com as duas forças reunidas, Francisco de Villagra avança em marcha noturna até as margens do Rio Mataquito. Informado que os guerreiros araucanos haviam se embriagado numa festa, Villagra preparou o ataque surpresa para a manhã seguinte, depois que seus batedores yanaconas o fizeram saber da ausência de sentinelas no acampamento de Lautaro. Na manhã de 1º de abril de 1557, consciente da superioridade das forças

mapuches, Villagra motiva seus oficiais, dizendo que o futuro da colônia no Chile dependia da vitória sobre o exército de Lautaro. Com o grito de "Santiago y Espanha adelante", os soldados espanhóis surpreenderam o acampamento araucano, dando início ao massacre. Como os espiões indígenas de Villagra conheciam a tenda onde se abrigava Lautaro e sua mulher Guacolda, os soldados surpreenderam o guerreiro saindo com a espada na mão, que caiu morto ali mesmo, atravessado por uma lança, e gritando: "Aqui, espanhóis, que Lautaro está morto". Naquele momento quatrocentos *yanacunas* avançaram sobre Lautaro com flechas, lanças e clavos e antes que o pegassem vivo -- como queria Villagra, para levá-lo como troféu de guerra ao Rei da Espanha -- uma flecha transpassa-lhe o peito e ele cai sem um gemido.

"Seus próprios irmãos, os *servis yanacunas*, que desde o começo da guerra se haviam tornado escravos dos conquistadores e já se haviam negado a lutar pela causa da liberdade, o assassinaram. (...) Vendo seu chefe morto, a guarda araucana, composta de seiscentos homens, saltou sobre os conquistadores com ímpeto leonino e, fazendo-os retroceder, formaram uma muralha em torno do corpo do seu herói. Feriu-se ali uma luta sangrenta e encarniçada. Abandonados pelos *promaucas*, que haviam fugido no começo da luta, os araucanos defendiam-se como animais encurralados; (...) Os seiscentos homens que haviam protegido o cadáver de Lautaro terminam por cobri-lo

com seus próprios corpos, pois os espanhóis não deixaram um só com vida."²²

A batalha, entretanto, continuou, gerando uma total carnificina, durando mais de cinco horas, na qual araucanos e espanhóis dizimaram-se mutuamente. Os araucanos, ante a desproporção numérica no exército, iam caindo, guerreiro após guerreiro, sem uma retirada sequer, até seus últimos homens.

Assim caiu Lautaro, o mais insigne personagem da Guerra de Arauco, traído pelos povos por cuja liberdade deu a vida e que se estivessem unidos, teriam facilmente expulsado o invasor de suas terras. Sua inigualável inteligência na arte da guerra e sua carismática liderança, nunca foram superadas pelos novos líderes que o sucederam, na longa guerra que apenas começava. Não se conhece, nos anais da história das Américas, um defensor tão obstinado do solo americano. Desde a Califórnia, na conquista do oeste, até o extremo sul do continente, não se sabe de outra sagaguerreira tão heroica: um nativo, ainda infante, que derrotou os exércitos do então maior império do mundo. O escritor chileno, Fernando Alegria, conta ainda que ele conquistou seu primeiro triunfo guerreiro aos vinte anos, o ápice de seu poder e sua glória aos vinte e dois e que sua condição de caudilho foi imortalizada como um dos mais geniais libertadores de América.²³ Depois da batalha de Chiripilco, em 30 de abril de 1557, os covardes yanaconas se apoderaram do cadáver de Lautaro e cortaram-lhe a cabeça que,

espetada numa lança, ficou exposta por vários dias na Praça de Armas de Santiago e posteriormente usaram seu crânio em suas libações, nos rituais religiosos.

10. Caupolicán: o tronco da disputa

Quando Lautaro caiu, a bravura prematura de outro jovem guerreiro já corria de boca em boca entre o povo mapuche e entre os espanhóis. O imenso vazio deixado pela inesperada morte de Lautaro e, conseqüentemente, ausência de uma forte liderança, levou a algumas derrotas dos araucanos em setembro de 1557, como a frustrada tomada do Forte São Luís e de Lagunilhas, onde 12.000 índios foram derrotados por uma força bem armada de 600 soldados e 1.500 *yanaconas*.

O massacre de Lagunilhas manchou o campo com o sangue de centenas de mortos e feridos. Sob o comando do despótico e perverso García Hurtado de Mendoza foram consumadas inomináveis crueldades contra os vencidos. Dos cento e cinquenta prisioneiros araucanos foram cortados a mão direita e o nariz. Entre os prisioneiros estava o toqui Galvarino, que depois de ter sua mão direita decepada, num ato de extrema coragem, estoicismo e desprezo pelo poder espanhol, colocou também a esquerda, que foi decepada pelo verdugo enfurecido e humilhado pela sua coragem.

Diante de tamanho fracasso, o Conselho dos grandes caciques se reuniu para unificar a liderança e coube ao velho Colo-Colo propiciar a prova que levaria Caupolicán à condição de *Toqui*, no

supremo comando militar de todas as forças do povo mapuche.²⁴

*"Yo soy Caupolicán, que el hado mío
por tierra derrocó mi fundamento,
y quien del araucano señorío
tiene el mando absoluto y regimiento;
la paz está en mi mano y albedrío
y el hacer y afirmar cualquier asiento,
pues tengo por mi cargo y providencia
toda la tierra en freno y odediencia"²⁵*

É com esses versos, que o poeta espanhol Alonso Ercilla y Zúñiga inicia os relatos épicos sobre Caupolicán, descrevendo, no canto XXXIV de *La Araucana*,²⁶ seus feitos guerreiros e seu suplício na Guerra de Arauco. O cronista espanhol Pedro Mariño de Lobera compara a nobreza de caráter e o porte de Caupolicán com a imagem de um senador romano.²⁷

A difícil disputa que levou Caupolicán ao topo da hierarquia militar foi suportar com outros guerreiros, durante dois dias e duas noites, o peso de um grosso tronco de faia, na presença dos grandes caciques.

"Um dos mais robustos salta na arena. Inche Caupolicán", se apresenta. Está despido, a não ser por uma pequena tanga que lhe cobre o sexo, mas leva as tiras de sua hierarquia atadas em torno dos braços e da cabeça. Dois rapagões se aproximam do tronco de faia que prepararam e o levantam com esforço, um em cada ponta. Mostram-no, para que a concorrência o

*aprecie e calcule seu peso, depois o colocam com cuidado nas firmes costas de Caupolicán. A cintura e os joelhos do homem se dobram ao receber a tremenda carga e, por um momento, parece que cairá esmagado, mas em seguida ele se apruma. Os músculos do corpo se retezam, a pele brilha de suor, as veias do pescoço incham a ponto de arrebentar. Uma exclamação sufocada escapa do círculo de espectadores quando lentamente Caupolicán começa a andar a passos curtos medindo suas forças para que se mantenham durante as horas necessárias. Deve vencer outros tão fortes quanto ele. Sua única vantagem é a feroz determinação de morrer na prova antes de ceder o primeiro lugar. Pretende dirigir seu povo no combate, deseja que seu nome seja lembrado, quer ter filhos com Frésia, a jovem que escolheu, e que estes levem seu sangue com orgulho.*²⁸

Assim segue descrevendo o poeta espanhol o comportamento de Caupolicán:²⁹

*"Con un desdén y muestra confiada
asiendo del tronco duro y ñudoso,
como si fuera vara delicada
se le pone en el hombro poderoso.
La gente enmudeció maravillada
de ver el fuerte cuerpo tan nervoso;(...)*

*El bárbaro sagaz de espacio andaba,
y a toda prisa entraba el claro día;*

*El sol las largas sombras acortaba,
mas él nunca decrece en su porfía;
al ocaso la luz se retiraba
ni por eso flaqueza en él había;
las estrellas se muestran claramente,
y no muestra cansancio aquel valiente"³⁰*

O poeta nicaraguense Rubén Darío, que passou alguns anos de sua juventude no Chile, escreveu em 1888 um poema em sua memória, descrevendo a força descomunal desse guerreiro:

Caupolicán

*Es algo formidable que vio la vieja raza:
robusto tronco de árbol al hombro de un
campeón
salvaje y aguerrido, cuya fornida maza
blandiera el brazo de Hércules, o el brazo de
Sansón.*

*Por casco sus cabellos, su pecho por coraza,
pudiera tal guerrero, de Arauco en la región,
lancero de los bosques, Nemrod que todo caza,
desjarretar un toro, o estrangular un león.*

*Anduvo, anduvo, anduvo. Le vio la luz del
día,
le vio la tarde pálida, le vio la noche fría,
y siempre el tronco de árbol a cuevas del titán.*

*"¡El Toqui, el Toqui!" clama la conmovida
casta.*

Anduvo, anduvo, anduvo. La aurora dijo: "Basta",

*e irguióse la alta frente del gran
Caupolicán.*³¹

11. A batalha de Millarapue. Galvarino luta com as mãos decepadas

Caupolicán nasceu com uma anomalia visual (era zarolho) o que em nada diminuía sua grande habilidade física. Eleito toqui pelo seu porte robusto, sua inteligência e valentia, tinha uma feição severa, com a qual impunha respeito e liderança aos seus comandados.

Encorajado pelo grande sucesso militar de Lagunilhas, Garcia Hurtado penetrou em território inimigo, buscando uma vitória final contra os mapuches. Em 29 de novembro de 1557, suas tropas acampam em Millarapue, no coração da Araucânia. Ao amanhecer do dia seguinte, à frente de quinze mil guerreiros, Caupolicán se postava, estrategicamente, para a sua primeira batalha contra os espanhóis. Dada a ordem de ataque, as hostes indígenas se aproximavam do acampamento, quando tocou uma corneta espanhola anunciando, coincidentemente, naquele dia e naquela hora, a celebração do dia de Santo André. Interpretando aquela saudação religiosa como um alarme, os mapuches se supuseram descobertos e isso desorganizou toda a tática da surpresa. Apesar disso, sobreveio o ataque e à frente de um batalhão vinha Galvarino, agitando seus braços com as mãos decepadas, como quem empunhasse a bandeira da vingança contra a crueldade dos

conquistadores. Caupolicán, montando um formoso cavalo branco, conduziu a sangrenta batalha de Millarapue, que durou até o início da tarde do dia seguinte. Em dado momento, seus guerreiros foram cercados pelas laterais e pela retaguarda e se retiraram derrotados. Com tantos mortos e feridos de ambos os lados, os espanhóis se estabeleceram no forte Canhete, a certa distância do forte Tucapel, onde quatro anos antes caíra o conquistador Pedro de Valdívia, derrotado por Lautaro.

Dois meses depois, o forte-cidade Canhete era sitiado por quinze mil araucanos sob o comando de Caupolicán, cuja intenção era manter o cerco indefinidamente e levar os espanhóis a morrer de inanição, já que sair do forte significava ser massacrado.

12. Traição de Andresito e o supremo suplício de Caupolicán

Após alguns dias de impasse, surge no acampamento indígena um *yanacona* chamado Andresito que, instruído pelos espanhóis para passar-se por desertor, informou de que o melhor momento para atacar o forte seria a hora da *siesta*, quando todos descansavam e ele tinha como abrir as portas para um ataque surpresa. Caupolicán, desconfiado, introduziu um espião no interior do forte, que realmente encontrou toda a guarnição dormindo em plena *siesta*, sem saber que pela sua presença, prevista e detectada

pelos espanhóis, se armara todo o teatro para se consumir o massacre.

Confirmada a informação de Andresito, foi marcada a invasão para 05 de fevereiro, dia em que o espião abriu as portas do forte por onde entraram silenciosamente as hostes mapuches que, uma vez em seu interior, foram massacradas por pesadas cargas de artilharia, num imenso banho de sangue.

Os sobreviventes fugiram em debandada e Caupolicán escapou ileso. A cavalaria espanhola perseguiu os sobreviventes pelos montes das cercanias e, na região de Pilmaiquén deu-se, naquele mesmo dia, a pequena batalha Antihuala onde, comandando a contraofensiva contra Pedro de Avendaño, Caupolicán foi aprisionado. O poeta-capitão Alonso de Ercilla, que testemunhou todos estes embates, sob as ordens gerais de Garcia Hurtado de Mendonza, conta em seus versos que ao ser levado para o forte Tucapel, Caupolicán é afrontado por Fresia, sua mulher. Trazia uma criancinha de um ano nos braços e se aproximou do guerreiro imputando-lhe, revoltada, a vergonha de ter sido capturado vivo. Arranhou com violência o seu rosto e suspendendo nos braços o filho de ambos, atirou-o com desprezo em um penhasco, seguindo indiferente pelo caminho de onde surgira.

Levado a Canhete na presença do capitão de cavalaria Alonso de Reinoso, Caupolicán foi condenado à morte por empalamento, um dos maiores martírios impostos pelos espanhóis na América, que consistia na

penetração de uma ponta de madeira pela via anal. *"Con dignidad pide que se le perdone la vida, sabiendo que era imposible y que debía morir sin piedad".*³²

Levado ao cadafalso e mostrando uma calma singular diante de uma morte tão cruel e falando com desprezo aos espanhóis, dispensou com um gesto o papel do verdugo e ainda manietado, sentou-se ele mesmo sobre o madeiro pontiagudo e sem um gemido, ao ser perfurado pela região anal até as entranhas intestinais, morreu serenamente ante o incontido espanto dos presentes.

Assim canta o seu estoico martírio Alonzo de Ercilla:³³

*"No el aguzado palo penetrante
por más que las entrañas le rompiese
barrenándole el cuerpo, fué bastante
a que al dolor intenso se rindiese:
que con sereno término y semblante,
sin que labio ni ceja retorciese,
sosegado quedó de la manera
que si asentado en tálamo estuviera."*³⁴

Cinco séculos depois Neruda redescreve a dimensão do seu suplício: *O empalado*

*Caupolicán porém chegou ao tormento.
Ensertado na lança do suplício,
entrou na morte lenta das árvores.
Arauco recobrou seu ataque verde,*

*sentiu nas sombras o calafrio,
cravou na terra a cabeça,
agarrou-se com suas dores.
O Toqui dormia na morte.
Um ruído de ferro chegava
do acampamento, uma coroa
de gargalhadas estrangeiras,
e junto aos bosques enlutados
somente a noite palpitava.*

*Não era a dor, a dentada
do vulcão aberto nas vísceras,
era só um sonho da mata,
a árvore que sangrava.
nas entranhas da minha pátria
entrava a ponta assassina
ferindo as terras sagradas.
O sangue queimante tombava
de silêncio em silêncio, abaixo,
até onde a semente está
à espera da primavera.
Mais fundo tombava este sangue.
Caía sobre as raízes.
Caía sobre os mortos.
Sobre os que iam nascer.³⁵*

13. Um inimigo devastador: as doenças trazidas pelos espanhóis

No fim daquela década de cinquenta, em face da necessidade dos homens nos cenários de batalha, as colheitas se perderam nos campos,

sobreveio a miséria e começaram a surgir as doenças trazidas pelos espanhóis. O tifo, a peste e a fome dizimavam as aldeias. Toda a nação mapuche passava por um de seus momentos mais difíceis e os orgulhosos caciques já não podiam esconder suas lágrimas diante da imensa tragédia.

*"En esos años surgió la primera gran peste de tifus, que los mapuches llamaron chavalongo. Se dice en las crónicas que habría muerto un 30 por ciento de la población indígena, lo que representaría alderedor de trescientas mil personas. En 63, esto es, cinco años más tarde, sobrevino la peste de viruela, que asoló a la población indígena, muriendo un quinto de ella, lo que equivale a unas 100 mil personas aproximadamente. Estas pestes afectaron principalmente a los picunches, o mapuches del norte del Bío-Bío, que tenían más contactos con los españoles. En el valle Central de Chile quedó muy poca población aborigen; las pestes los diezmaron y muchos otros arrancaron a la zona sur a defenderse junto a los mapuches. Pero también murieron muchos mapuches del sur; se cuenta que en médio de las batallas se producían vómitos y muertes por el chavalongo. Como se sabe, en toda América Latina los indígenas fueron presa de una verdadera guerra bacteriológica, producto de las pestes que traían los españoles."*¹⁸⁶

Bengoa, em nota ao pé da mesma página, afirma que os espanhóis não só trouxeram o tifo e a varíola, mas que em seu rastro também chegou a sífilis. Afirma que os mapuches eram orgulhosos de sua saúde

e sua limpeza e que consideravam os espanhóis como seres extremamente sujos.

14. Pelanterú toma as cidades do sul e derrota um exército espanhol na Batalha de Curalaba

No fim daquele século XVI, outros caudilhos mapuches, como Pelanterú e Lientur retomariam a bandeira da liberdade, desfraldada incomparavelmente por Lautaro e Caupolicán, e em 1598, quando da grande rebelião araucana, um exército expedicionário espanhol foi totalmente destruído pelas forças de Pelanterú, às margens do rio Lumaco. Seguindo para o sul, Pelanterú se apoderou de todas as cidades espanholas, dando morte ao governador da região, Martín García Óñez de Loyola, na batalha de Curalaba. Em 1602, o domínio da região pela forças de Pelanterú, estabeleceu, nas margens do rio Biobío, uma rígida fronteira entre mapuches e espanhóis surgindo, com os territórios liberados, um poder alternativo no território chileno. Essa república indígena era uma espécie de Esparta araucana com uma cultura militar na qual, já a partir dos seis anos, as crianças eram treinadas no uso de armamentos e no domínio do cavalo.

Trezentos anos de guerra não foram suficientes para quebrantar a inteligência, o poder de sua tradição e o espírito libertário e guerreiro desse povo e os espanhóis sempre amargaram a ideia de ter que voltar a seu país sem a glória de ter se estabelecido ao sul do rio Biobío. Conquistaram dois

impérios da América – o Asteca e o Inca – mas, curiosamente, não conseguiram submeter esse pequeno povo que por 260 anos permaneceu independente da Espanha. São ainda os mistérios da filosofia de história. Jamais vencidos, os mapuches são, até hoje, um espinho na carne nos orgulhosos anais das conquistas espanholas.

"Posteriormente al alzamiento de Curalaba, los españoles, al no poder penetrar los territorios mapuches, se ven obligados a constituir y fortalecer una frontera en los límites que señala el río Bío-Bío. A partir de aquí, la Corona española se ve obligada a reconocer la zona ubicada al Sur de dicha frontera, como un territorio autónomo perteneciente a outro pueblo. Esto la llevará a entrar en una dinámica absolutamente inédita en el resto del continente, lo que há sido conocido por los historiadores como "La Frontera".

En síntesis, los mapuches poseen la admirable peculiaridad de haber permanecido independientes de España por espacio de más de 260 años. A pesar de todos los intentos realizados por los españoles, los mapuches, gracias al equilibrio militar que presentaron a los ejércitos hispanos, lograron mantener su independencia.

Las explicaciones que se han dado para entender esta resistencia de los mapuches a los españoles, inédita en la historia americana, han sido muchas y variadas. Se há hablado latamente de una

supuesta condición racial de los mapuches, que los colocaría por encima de otros pueblos en su condición de hábiles guerreros, así se há llegado a hablar de un "espíritu guerrero" o de "raza militar". Hoy en día, los estudios de antropológicos han demostrado que no existe ninguna información que pueda establecer una relación de correspondencia entre los componentes biológicos hereditarios del ser humano y su comportamiento cultural. (...)

En la actualidad, cuenta con bastante aceptación una explicación que fundamenta las razones de esta victoria militar: el tipo de organización social mapuche. A diferencia de los inkas y aztecas, que poseían gobiernos centralizados y divisiones políticas internas, los mapuches tenían una estructura social no jerarquizada, sin poder central, siendo cada familia una unidad independiente. En los primeros casos, los ejércitos españoles golpearon el centro del poder político y, al conquistarlo, se aseguraron el dominio del imperio. En el caso del pueblo mapuche esto no era posible, ya que su conquista y sometimiento pasaba por el de cada una de las miles de familias independientes.¹²⁷

15. A Araucânia no século XIX

Durante dois séculos e meio os mapuches mantiveram sua liberdade frente aos espanhóis e no final desse período viveram um longo tempo de paz e prosperidade, através de "Parlamentos" -- o mais famoso deles, o Parlamento de Negrete, realizado em

1803, reconheceu a fronteira territorial do Bío-Bío -- entre os mapuches e os espanhóis, e depois com os chilenos. Consolidaram seu território, ampliaram as áreas agrícolas, a criação de gado e estabeleceram amplas relações de fronteira pelo contato e o comércio com a sociedade colonial e posteriormente chilena, bem como com grupos mapuches nos pampas argentinos. A família era o centro de tudo e, a não ser em tempo de guerra, nunca existiu entre eles uma organização social e política permanente. Não havia hierarquia de poder entre os mapuches, e a autoridade estava em anciões sábios chamados *ulmen* (posteriormente *lonkos*) e em, tempo de guerra, em jovens guerreiros chamados *toquis*. A história do povo mapuche é uma imensa memória partilhada e seu único registro é a oralidade. As lembranças dos seus feitos, – notadamente guerreiros, a saga dos heróis, seus grandes chefes (loncos), sua heroica luta contra os invasores espanhóis, suas guerras (malones) intestinas pela liderança de grupos e famílias – eram passados de geração a geração.

A Araucânia durante o século XIX era amplamente povoada por vários agrupamentos mapuches conhecidas como abajinos, arribanos, pampas, boroanos, maquehuanos, huilliches, pehuenches (que habitavam a cordilheira) e outros.

Centralizada na família "*La sociedad mapuche del siglo diecinueve estaba construida sobre un complejo sistema de alianzas matrimoniales entre los principales cabecillas de las grandes familias, que*

*seguían siendo las unidades básicas de esta sociedad. El sistema de matrimonios entre los mapuches del siglo pasado era extremadamente abierto: cada hombre buscaba mujer en otras familias, teniendo como único impedimento la suya propia; el criterio era tan abierto que, a través de la poligamia, permitía a un cacique rico e importante emparentarse con veinte o más familias de una amplia región. Los cruces familísticos eran, por lo tanto, extremadamente complejos y amplios, y podemos percibir que regiones enteras estaban completamente emparentadas; ésta es la base de las grandes agrupaciones mapuches del siglo diecinueve.*³⁸

16. O “Rei” do Chile

No fim do século XIX, os limites do rio Biobío, estabelecidos por Pelanterú, começaram a ser violados pelos herdeiros “criollos” da Independência. Quando, em 1860, o aventureiro francês Orélie Antoine de Tounens – que se apaixonou pelos mapuches e perante seus chefes prometeu devolver sua grandeza perdida e para defender seus direitos chegou a encomendar armas da Europa – argumentando a total independência dos territórios da Araucânia, proclamou-se rei e fundou o “Reino da Araucânia e da Patagônia” com o total apoio do toqui Quilapán e (?)

O governo chileno, temendo uma divisão territorial, não só prendeu, julgou, internou como louco e expatriou o autoproclamado Orélie Antoine I,³⁹ como também aproveitou o ensejo para iniciar, a partir de

1861, a usurpação das imensas terras mapuches compreendidas entre as águas do Biobío e do Toltén. Em 1866, uma campanha militar de conquista e extermínio denominada "Pacificação da Araucânia" – que, além do sul do Chile, estendeu-se com igual crueldade pelo território argentino, em 1879, com o nome de "Campanha do Deserto" –, iniciou a maior matança de indígenas já registrada no continente americano. Nesse episódio, conhecido como a "Segunda guerra de Arauco", todas as forças indígenas se uniram, em novembro de 1881, em encarniçadas batalhas de sobrevivência e defesa de seus territórios, mas, ao fim de quatro anos de luta, foram abatidas pelas armas modernas do exército chileno, num verdadeiro genocídio do povo mapuche.

17. Um genocídio chamado "A Pacificação da Araucânia"

A região da Araucânia, por muito tempo, foi considerada como um território isolado, notadamente durante os três séculos que se seguiram aos anos da conquista, ainda que estudos recentes registrem o entrosamento comercial entre a sociedade *hispano-criolla* e os araucanos naquele período, ao sul do Biobío. Essa indiferença pelos territórios mapuches era, muito mais visível na *"década del 70 y 80 del siglo XIX principalmente, en la que se producirá una grieta insalvable entre la vida chilena, en particular santiaguina, y la forma de vida de los indígenas del Sur de Chile. Se pensaba estereotipadamente a los mapuches, a los ojos evolucionistas de la sociedad"*

*criolla, como una "raza" en decadencia, degradada por el alcohol, en definitiva, seres que estaban muy lejos de ser los héroes relatados por Alonso de Ercilla. Se multiplicaban los artículos en la prensa que se referían en estos peyorativos términos a los pobladores de la Araucanía. El país del centro comienza a formarse una imagen distorsionada de los indígenas del Sur, y circula la idea de que los mapuches, además de estar acabados, eran cada vez menos. Comenzó a afirmarse que quedaban muy pocos indígenas en el Sur y que las tierras estaban desocupadas. El país del centro se imaginó algo que no era tal, pero que servía para justificar la ocupación de la Araucanía y someter a los indígenas al régimen reduccional."*⁴⁰

Segregados social e culturalmente e, porisso mesmo alheios ao que acontecia com o poder político, em Santiago, os mapuches viveram seu melhor período de paz durante toda a primeira metade do século XIX, quando começaria a ruir a "fronteira" de duzentos e cinquenta anos construída por espanhóis e araucanos, depois da Batalha de Curalaba. Dir-se-ia que naqueles tempos conviviam no país duas nações: a chilena e a mapuche. A partir de 1860 tudo mudaria, e a ganância da oligarquia agrária chilena encontrou no sonho separatista do "Rei da Araucânia" os motivos suficientes para se apoderar das imensas terras do sul, nos rastros sangrentos deixados pela invasão militar da Araucânia, cujos primeiros embates deram-se em abril de 1868, prenunciando uma guerra de extermínio, na qual os mapuches resistiram como puderam, até 1883.

A chamada "Pacificação da Araucânia" é tida como um desfile das mais incríveis crueldades da história (não oficial) do Chile e os detalhes dessa matança, tanto por parte do exército chileno, como do argentino, só agora começam a ser revelados. Nos primeiros enfrentamentos entre os soldados de Cornelio Saavedra e as forças mapuches, comandadas por Jose Santos Quilapán, -- cacique dos arribanos e o último grande chefe mapuche da Araucânia -- unidas aos mapuches argentinos, comandados por Calfucurá, as tropas chilenas foram derrotadas. Posteriormente, com a vitória do Chile em 1883 na Guerra do Pacífico, os latifundiários da região central acharam que chegara o momento do seu "glorioso" exército ajudá-los a tomar a terra que ainda restava aos araucanos, e liquidar de vez com os rebeldes sobreviventes. Algum tempo depois, chegavam à capital os ecos sangrentos da bárbara campanha militar contra os indígenas do sul, comandada pelo coronel Saavedra, tido como herói na história oficial, mas cujo rastro de perversidade levantou, no país, a voz de parlamentares, da imprensa e do clero, contra o holocausto em que estavam sendo imolados os mapuches nos territórios do sul.

Conta José Bengoa que: *"La guerra, sin embargo, involucrava no solo a los guerreros y al ejército mapuche, sino también a la "población civil". Se incendiaban rucas, se mataba y capturaba mujeres y niños, se arreaba con los animales y se quemaban las sementeras. Estamos ante una de las páginas más negras de la historia de Chile. Tanto fue así, que en*

Santiago se creó un clima de horror ante la barbarie del ejército en operaciones, y el principal diario de la capital, El Ferrocarril, inició una campaña de moderación, la cual fue respondida por El Mercurio de Valparaíso, que apoyaba los hechos."⁴¹

Neste cruel processo de "pacificação", parte dos sobreviventes da nação indígena, sem outra condição de vida, foi "integrada" ao povo chileno, embora em muitas regiões do sul, os herdeiros da resistência permanecessem fiéis a sua diversidade. Terminada a "pacificação", começaria outro calvário para o povo mapuche: como sobreviver com a ínfima parcela de terras que receberam nos assentamentos delimitados nas *reduções indígenas*. A expulsão de suas próprias terras traria consequências que determinaram o estado de penúria em que sobrevivem até hoje.⁴²

*"El proceso de radicación, reducción y entrega de Títulos de Merced, entre los años 1884 y 1929, estuvo acompañado de abusos contra los mapuches y tuvo consecuencias que transformaron de manera profunda a esta sociedad. La reducción significó que los mapuches perdieran la mayor parte de sus tierras, quedando reducidos a cerca de 500 mil hectáreas que el Estado entregó como Títulos de Merced."*⁴³

Os chamados *Títulos de Merced* ou Títulos de Concessão foram as propriedades das terras entregues aos mapuches depois de concluída a ocupação militar da Araucânia, reduzindo em quase 90% o tamanho de suas terras ancestrais. Nestes cerca de 500 mil hectares -- na verdade 434.063 hectares, ou seja, 9% dos cinco

milhões que representavam o território araucano nas atuais províncias de Biobío, Arauco, Malleco e Cautín -- está a razão da pobreza a que o Estado chileno levou, em pouco mais de um século, o povo mapuche, pela insuficiência de espaço agrícola, região de pastoreio e caça, que eles necessitavam para viver com dignidade e alguma prosperidade. Por outro lado, esse tipo arbitrário de titulação das terras, fortalecendo os caciques locais, gerou a dependência das outras grandes famílias, retirando a autoridade dos seus próprios caciques e alterando a ordem secular da autonomia de cada comunidade na sociedade araucana, cuja economia era igualitária, fortemente coletivista e onde não existia a propriedade privada dos meios de produção.⁴⁴

Esse povo, que lutou com unhas e dentes contra os invasores da pátria no século XVI, e cujos heróis e mártires, nas figuras de Lautaro, Caupolicán e Galvarino foram usados como emblemas de luta pelos próceres da Independência do Chile, foi esquecido pela ingratidão do poder republicano e historicamente esteriotipado, conforme convinha à sociedade chilena. Eram os heróis e grandes guerreiros até que começou a "pacificação". Daí em diante foram chamados de bárbaros, violentos, sanguinários e alcoólatras e, a partir do século XX, de subservientes, fracos e ignorantes. Na edição de 24 de maio de 1859, o principal jornal chileno "*El Mercurio*", porta-voz oficioso do Estado, da oligarquia chilena e da elite militar, assim

se expressa em relação aos mapuches, quando ainda eram chamados de araucanos:

*"Los hombres no nacieron para vivir inútilmente y como los animales selváticos, sin provecho del género humano; y una asociación de bárbaros tan bárbaros como los pampas o como los araucanos no es mas que una horda de fieras, que es urgente encadenar o destruir en el interés de la humanidad y en el bien de la civilización."*⁴⁵

Este foi o tratamento que receberam do país, onde hoje são vistos como parte de um passado nacional, cuja cidadania nega a cultura e a cosmovisão indígena.⁴⁶ Esta é a imagem do povo mapuche, visto com intolerância e ostensivo desprezo pelos herdeiros conservadores da colônia, identificados, atualmente, na oligarquia reacionária que aplaudiu o assassinato de Salvador Allende e defendeu os crimes de Pinochet.

Referências

¹ Este ensaio integra o texto do livro ***NOS RASTROS DA UTOPIA: Uma memória crítica da América Latina nos anos 70***, publicado em 2014 pela Escrituras Editora. As notas e traduções são do autor.

²As teses sobre o povoamento da América são muitas e sobre o assunto ainda não se disse a última palavra. Embora a migração dos asiáticos orientais pelo Estreito de Bering tenha predominado por algum tempo, atualmente novas pesquisas defendem que os primeiros homens que habitaram a América não eram de origem asiática, mas pertenciam a grupos negroides. Algumas dessas hipóteses estão definitivamente descartadas pela ciência, como a tese do paleontólogo italiano/argentino Florentino Ameghino, segundo a qual o homem americano era originário da própria América. Já o francês Paul Rivet, ainda que tenha admitido que as primeiras migrações tenham sido feitas pelo Estreito de Bering, defende que o sul do continente tenha sido povoado por polinésios, baseado nas semelhanças citadas.

³“El fuerte fue llamado Arauco, nombre con que los conquistadores designaron más tarde todo el territorio que se extendía al sur del BioBio. Este nombre, tan famoso en la historia, era, sin embargo, desconocido de los indígenas, y tuvo su origen, como hemos dicho en otra parte, en la palabra peruana *aucca*, usada por los españoles para designar a los indios de guerra.”

⁴Nos períodos em que estive no Chile, em 1969 e 1972, o termo *araucano*, tanto nos livros que consultei como nas conversas que tive sobre a cultura indígena, era usado com exclusividade quando se referia aos indígenas do sul. O termo *mapuche* referia-se aos indígenas assimilados, basicamente os picunches. A denominação de mapuche referindo-se aos antigos araucanos passou a ser empregada na recente historiografia chilena, retomando sua antiga denominação étnica e passando a ser amplamente conhecido pelo poder midiático das suas justas demandas sociais e territoriais. O termo araucano foi popularizado a partir da primeira e grande obra

da literatura chilena: o célebre poema de Alonso Ercilla y Zúñiga, *La Araucana*, escrito no século XVI. Há duas bases históricas para o termo *araucano*. Segundo Diego Arana, como acabamos de ver, esta denominação foi dada pelos conquistadores espanhóis, procedentes do Peru, com base no termo *awka*, palavra quíchua que significa aguerrido, intrépido, indomável. Já alguns historiadores mais modernos sustentam que o termo se originou no nome do rio Rauco, ao sul de Concepción, de onde provieram as palavras *arauco* e *araucano*. Os mapuches que habitavam naquela região se autodenominavam de "*raucos*", que os espanhóis acastelhanaram para "*araucanos*". No entanto cumpre desde já esclarecer que os antigos habitantes da região da Araucânia eram conhecidos como "*Reche*" e como "*Mapuche*", palavra esta formada das raízes "*mapu*", que significa terra, região, e "*che*" que quer dizer gente, habitante.

⁵Os yanaconas eram prisioneiros de guerra incas, que os espanhóis transformavam em semi-escravos.

⁶O cronista e jesuíta espanhol, Diego de Rosales (Madrid, 1601-Santiago do Chile, 1677) aponta Diego de Almagro como o descobridor oficial do Chile. Suas crônicas são os mais preciosos documentos para conhecer os detalhes do povo araucano, cujo idioma aprendeu, e abrangem desde o período do descobrimento espanhol até a grande revolta araucana de 1655. Sua obra *Historia general del reino de Chile*, cujo manuscrito foi mandado à Espanha para publicação, desapareceu por dois séculos. Em 1870, o historiador chileno Benjamin Vicuña Mackenna, ao saber que o livreiro espanhol Vicente Salvá possuía uma cópia completa do original, viajou a Londres para adquiri-lo, publicando-o sete anos depois.

⁷No período da conquista espanhola, o território do Chile era ocupado por muitas etnias, com línguas semelhantes, mas caracterizados por algumas diferenças culturais. A região norte era ocupada pelos aymaras, atacamenhos e collas. Os povos Picunches ("gente do norte") cujas etnias habitavam o centro-norte do país, foram totalmente absorvidos culturalmente, e ao sul do rio Biobío a nação mapuche ("gente da terra") era formada por várias etnias que

falavam a mesma língua, somavam aproximadamente meio milhão de habitantes (segundo Bengoa, 2000) num território de 5,4 milhões de hectares e eram conhecidas como os Wenteche (*arribanos*), os Nagche (*abaginos*), os Cuncos, e mais ao sul os Huilliche (gente do sul), os Pehuenche (gente de pehuen), e grupos minoritários como os Maquehuanos e os Cholcholinos. (*Pehuen* significa pinhão na língua mapuche, fruto da araucária da região andina e um dos principais alimentos dos indígenas na pré-cordilheira dos Andes.)

⁸ Embora a autora refira-se a “tributo Inca”, relacionado a “índios chilenos”, é relevante esclarecer que quando se penetra na história pré-hispânica do Chile constata-se que nem os Incas, com seu poderoso Império, conseguiram subjugar os mapuches. Seus exércitos cruzaram vitoriosamente o deserto e, oitocentos anos antes da chegada dos espanhóis, dominaram todo o norte do país, submetendo o povo Picunche, mas foram muitas vezes destruídos, quando tentaram cruzar as águas do Rio Maule, a primeira fronteira fluvial com os domínios mapuches.

⁹ ALLENDE, Isabel. *Inês da Minha Alma*. Tradução Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.158-159.

¹⁰ ALLENDE, Isabel. *Op. cit.*, p.148.

¹¹ NERUDA, Pablo. *Canto Geral*. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Difel, 1979, p. 65-66.

¹² Segundo o historiador Benjamin Vicuña Mackenna, em seu livro *Lautaro* (Santiago, 1876), o prisioneiro Lautaro era um dos três pajens favoritos de Pedro de Valdivia, cujos nomes castelhanos eram *Andrés, Agustín y Felipe*, carinhosamente chamados pelo diminutivo. Escreve Vicuña Mackenna, no 1º capítulo de sua obra: “Aquellos 3 mancebos eran hijos de los valles de Chile y de caciques principales: *Andresillo*, del valle de Copiapó, *Agustinillo*, del Mapocho, de la familia del cacique de Colina, Calacante, natural del Perú; y el tercero, *Felipillo*, de la comarca llamada propiamente Arauco, es decir, el país de “Ragco” (água de greda), cuyo nombre en varios otros parajes de Chile ha sido trocado simplemente en “Rauco”. Le

habían puesto el nombre de Felipe en recuerdo del hijo único de Carlos V, así como dieron a Chile el nombre de “reino” en honor de este príncipe cuando se desposó con la reina María de Inglaterra. Y de aquí vino que siendo esta comarca la colonia más pobre y desdeñada de América, ostentaba aquel pomposo título mientras que el Perú, de cuyo visir era feudo, no pasaba de ser un “Virreinato”. El verdadero nombre de aquel paje, y adecuado a su oficio de caballero, era el de Lautaro, simbólico de la agilidad, porque los araucanos, como los indios de la América del Norte, adaptaban las condiciones de los animales y de las aves a la organización física o a la de índole moral que atribuían a sus hijos. Por esto su nombre propio era el de Luan-Taro, de *luan* (guanaco) y de *taro* (conocida ave de rapiña). Su padre se llamaba Curiñancu, es decir, *águila negra*, de *ñancu* (águila) y de *curi* (negro).

- ¹³O escritor chileno Fernando Alegria, em seu livro *Lautaro, Joven libertador de Arauco*, Santiago do Chile, Zig-Zag, 1943, tem uma outra versão sobre a reintegração de Lautaro ao seu povo. Segundo seu relato romanceado, o cacique araucano Cayumanque, orientado pelos chefes araucanos, apresentou-se em Concepción oferecendo três mil flecheiros a Valdivia, numa suposta traição ao seu próprio povo. (O historiador Vicuña Mackenna, em cuja obra, *Lautaro*, baseou-se Fernando Alegria, defende também esta versão, baseada no poema *La Araucana*, mas fala de trezentos flecheiros apenas) Lautaro que estava presente e sem saber ainda da artimanha, olhou-o com desprezo e revolta, supondo que Cayumanque fosse um traidor. Valdivia, embora desconfiado, aceitou a oferta e, pela confiança que tinha em Lautaro, -- que não era tratado como um criado da casa ou um laçao da sua corte, mas como um prisioneiro de guerra que o acompanhava como pajem nas campanhas militares -- entregou a ele o comando dos flecheiros araucanos. Foram estes três mil guerreiros que decidiram a vitória araucana na Batalha de Tucapel, onde cairia Pedro de Valdivia, e marcaria a volta de Lautaro como herói ao seu povo e, a partir de então, comandante da guerra contra os espanhóis.

¹⁴NERUDA, Pablo. *Idem*, p. 87-8.

¹⁵ALLENDE, Isabel. *Idem*, p. 275-276.

¹⁶Entre os cronistas da conquista e historiadores chilenos há muitas controvérsias em torno da morte de Pedro de Valdivia. Além da cena de antropofagia apresentada por Diego Barros Arana, há versões de que lhe comeram o coração, de que Caupolicán levou seu crânio para casa onde tomava chicha, além das versões de decapitação, golpes de machado e a lenda negra de que o obrigaram a ingerir ouro derretido, dando-lhe de beber o que sua ambição viera buscar no Chile. A versão mais aceita pelos historiadores é aquela segundo a qual um cacique chamado Leucotón deu morte ao conquistador com uma maçada (macana) no crânio. Entre heróis e assassinos, guerreiros e genocidas, o que parece é que nesses últimos anos a história da conquista do Chile começa a ser reinterpretada. Em abril deste ano de 2010, na 5ª Mostra Latino-Americana de Teatro, no Centro Cultural São Paulo, o grupo chileno Tryo Teatro Banda apresentou a peça *La Gesta Inconclusa*, mostrando, com grande talento dramático e reconhecido sucesso de representação, a face mesquinha de anti-herói e a personalidade sanguinária de Pedro de Valdivia, através da interpretação dramático-musical das cartas que o conquistador escreveu a Carlos V, Rei da Espanha.

¹⁷ARANA, Diego Barros. *Op. cit.*, p. 360. *A partir desta nota todos os textos citados em castelhano, ao longo da obra, serão traduzidos pelo autor.*

"A fadiga do combate, a enormidade do desastre que acabara de experimentar e aqueles cruéis sofrimentos haviam abatido o espírito do altivo e valente capitão. (...)" Devolve-me, a liberdade, disse então Valdivia, e tirarei os espanhóis de vossas terras, despovoarei as cidades que fundei e vos darei, além disso, duas mil ovelhas ". Por única resposta os índios vociferaram as mais ferozes ameaças. (...) Valdivia foi martirizado de uma maneira cruel. Embora os índios tivessem as espadas e adagas que tinham tomado dos vencidos, preferiram usar as conchas marinhas que usavam como facas. Com

elas cortaram-lhe os braços e, depois de assá-los ligeiramente, devoraram-nos em sua presença. Um antigo documento afirma que o conquistador do Chile passou três dias em meio a esta tortura e que finalmente expirou de exaustão e fadiga. "

¹⁸MACKENNA, Benjamin Vicuña. *Lautaro*. Santiago, 1876.

¹⁹ARANA, Diego Barros. *Historia de América*. Buenos Aires. Anfora, 1973, t. I, p.286. "Bloqueados em sua marcha pelos corpos de índios e pelos troncos de árvores que eles tinham colocado nos caminhos, os castelhanos tiveram que superar todos os tipos de obstáculos para abrir passagem para as montanhas de Marihueñu (23 de fevereiro, 1554). Muitos deles morreram, mas outros conseguiram retirar-se com Villagra."

²⁰*Idem*, p.355. "Quando se estudam, nas antigas crônicas, estas disposições estratégicas do caudilho araucano, o historiador é tentado a crer que a imaginação as tenha engalanado, porque se faz difícil acreditar que aqueles selvagens tivessem idealizado um plano de batalha tão razoável e discreto. No entanto, nas páginas seguintes veríamos que Lautaro tinha os dotes de um grande soldado e que seus guerreiros possuíam, junto com a mais extraordinária audácia, uma rara habilidade para enganar e surpreender o inimigo. Os araucanos, como provaram em três séculos de luta, demonstravam na guerra qualidades de penetração e de astúcia que pareceriam inconciliáveis, com seu estado de barbárie, a todo aquele que não conheça a singular habilidade que alguns povos, mais selvagens ainda, costumam empregar em suas campanhas militares. "

²¹La Imperial, fundada por Pedro de Valdívía em 1552, foi a bela e soberba capital dos conquistadores nos séculos XV e XVI. (Foi onde o poeta Alonso de Ercilla por pouco não morreu, em 1558, por ordem de Garcia Hurtado de Mendoza, na época Governador do Chile, em razão de um torneio que acabou com uma disputa entre o poeta e Juan de Pineda, em presença do Governador, que sentindo-se agravado ao tentar separá-los, condenou-os à morte, sendo

ambos salvos pela intercessão de uma dama, embora Alonso tenha cumprido três meses de prisão. (Que imensurável perda teria tido a literatura chilena, espanhola e universal, se o poema “La Araucana” não tivesse sido escrito! E que outro tão belo documento testemunharia a grandeza épica dos araucanos e a saga heroica de Lautaro, se o poeta tivesse sido executado? São os mistérios do “SE” na filosofia da história, assim como se pergunta como seria o atual mapa da Europa “se” Napoleão não tivesse invadido a Rússia no inverno). A cidade de La Imperial foi totalmente arrasada pelos mapuches em 1598. Só foi reconstruída em 1882, com o nome de Carahue.

²²ALEGRIA, Fernando. *Lautaro, jovem libertador de Arauco*. Trad. Carlos B. De Amorin. São Paulo: Melhoramentos, 1951, p.152.

²³ALEGRIA, Fernando. Idem.

²⁴ Colo-Colo foi o grande ideólogo da luta contra os espanhóis. Bem mais velho que Lautaro, foi o precursor da revolta como guerreiro e como um sábio conselheiro de guerra entre os araucanos. Pelo seu prestígio e sua sabedoria, Alonso, no seu poema épico, compara-o ao velho Nestor, rei de Pilos e um dos heróis gregos da Ilíada.

²⁵ *Eu sou Caupolicán, que o meu fado/ por terra derrocou meu fundamento/ e quem do araucano imenso lado/ tem o mando absoluto e regimento. / A paz está em minhas mãos e o arbítrio/ e o fazer e afirmar qualquer consentimento, / pois tenho por meu cargo e providência/ toda a terra em freio e obediência.*

²⁶ERCILLA y Zúñiga, Alonso. *La Araucana*. Buenos Aires: Emecé, 1945, p.742-743.

²⁷ Pedro Mariño de Lovera, Crónica del reino de Chile. *In Colección de historiadores de Chile y documentos relativos a la historia nacional*. Santiago: Imprenta del Ferrocarril, 1865, t. VI, p.149. (...)” *En efecto estuvieron estos doce electores tan unánimes, que sin contradicción alguna eligieron a un indio noble y rico llamado Caupolicán de tantos bríos quanto parece significar aun la misma hinchazon del nombre, y*

de tanto valor sagacidad y prudencia que más parecía un senador romano que un bárbaro chilense.”(...)

²⁸ ALLENDE, Isabel. *Idem*, p.279.

²⁹ERCILLA y Zúñiga, Alonso. *Op. cit.*, p. 71-72.

³⁰*Com um desdém e frente confiada/ alçando o tronco duro e nodoso, / como se fora haste delicada/ o coloca no ombro poderoso. / a gente emudecia assombrada / de ver o forte corpo tão nervoso;// O bárbaro sagaz devagar andava, / e a toda pressa entrava o claro dia;/ O sol as longas sombras encurtava, / mas ele nunca decresce na porfia:/ O ocaso da luz se retirava, / nem por isso fraqueza nele havia; / As estrelas se mostram claramente, / sem ver algum cansaço no valente.*

³¹*É algo formidável o que viu a velha raça:/ robusto tronco de árvore ao ombro de um campeão/ selvagem e aguerrido, cuja fornida massa/ brandira o braço de Hércules, ou o braço de Sansão. // Por casco seus cabelos, seu peito por couraça, / pudera tal guerreiro, de Arauco a região, / lanceiro das florestas, Nemrod em sua caça,/ desconjuntar um touro, estrangular um leão.// Andou, andou, andou. Viu-lhe a luz do dia/ viu-lhe a tarde pálida, viu-lhe a noite fria, / e sempre o tronco de árvore às costas do titã. // «! O Toqui, o Toqui!» clama a comovida casta./ Andou, andou, andou. A aurora disse: «Basta», / e ergueu-se a alta frente do grande Caupolicán.*

³² DIEGO, Francisco Navarro, PACHECO, M. Cristina G. *Enriquillo-Caupolicán*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006, p. 80.

³³ERCILLA y Zúñiga, Alonso. *Idem*, p. 748.

³⁴*Nem a aguçada estaca penetrante,/ por mais que as entranhas lhe rompesse/ perfurando-lhe o corpo, foi bastante/ a que à dor intensa se rendesse:/ que com sereno talhe e semblante,/ sem que lábio ou sobrançelha retorcesse/ sossegado ficou de tal maneira/ como se no tálamo assentado estivera...*

³⁵NERUDA, Pablo.*Op. cit.*, p. 86-87.

-
- ³⁶ BENGUA, José. *Historia Del pueblo mapuche: (siglo xix-xx)*. 6ª ed. Santiago: LOM Eds., 2000, p. 33.
- ³⁷ BENGUA, José. *La memoria olvidada. Historia de los pueblos indígenas de Chile*. Santiago: Publicaciones del Bicentenario, 2004, p.281-282.
- ³⁸ BENGUA, José. *Historia del pueblo mapuche*, p. 71.
- ³⁹ BRAUN-Menéndez, Armando: *El Reino de Araucanía y Patagonia*. 5ª Ed. Santiago:Ed. Francisco de Aguirre. 1967.
- ⁴⁰ BENGUA, José. *La memoria olvidada*, p. 23. "década de 70 e 80 do século XIX principalmente, quando se produziu uma brecha intransponível entre a vida chilena, particularmente santiaguina, e a forma de vida dos indígenas do sul do Chile. Aos olhos evolucionistas da sociedade crioula imaginava-se os mapuches como o estereótipo de uma "raça" em declínio, degradada pelo álcool, em suma, seres que estavam muito longe de ser os heróis cantados por Alonso de Ercilla. Multiplicavam-se os artigos na imprensa que se referiam aos moradores da Araucânia em termos pejorativos. O centro do país começava a formar uma imagem distorcida dos índios no sul, circulando a ideia de que os mapuches, além de estarem acabados, eram cada vez mais reduzidos. Começou a afirmar-se que restavam poucos índios no Sul e que as terras estavam desocupadas. No centro do país imaginava-se algo que não era real, mas que serviu para justificar a ocupação da Araucânia e submeter os indígenas ao regime reducional."
- ⁴¹ Bengoa J. *História del pueblo mapuche*, p. 205. "A guerra, porém, não só envolvia os guerreiros e o exército mapuche, mas também a "população civil." Incendiava-se as habitações indígenas, matavam e capturavam, maltratavam os animais e foram queimadas as colheitas. Esta é uma das páginas mais negras da história do Chile. Tanto foi assim, que em Santiago criou-se um clima de horror ante a barbárie das operações do exército, e o principal jornal da capital, El

Ferrocarril, começou uma campanha de moderação, que foi contestada por El Mercurio de Valparaíso, que apoiava os fatos. "

- ⁴²Ainda que bem quisesse, os limites destes relatos não me encorajam a estender aqui outras tantas citações sobre a magnitude do massacre que horrorizou, na época, o país inteiro. Os documentos oficiais, os comunicados militares, os jornais daqueles anos, continuam a ser pesquisados pelos novos historiadores chilenos e a dimensão dessas denúncias são cada vez mais assustadoras.
- ⁴³ BENGOA, José. *La memoria olvidada*, p. 25. "O processo de assentamento, redução e entrega dos Títulos de Concessão, entre 1884 e 1929, foi acompanhado de abusos contra os mapuches e gerou consequências que transformaram profundamente sua sociedade. A redução fez com que os mapuches perdessem a maior parte de suas terras, ficando reduzidos a cerca de 500 000 hectares que o Estado entregou como Título de Concessão".
- ⁴⁴ Muitos dos posteriores conflitos de terras nas comunidades mapuches tiveram origem na usurpação de propriedades indígenas legitimadas pelos Títulos de Concessão, que por força da própria legislação são intransferíveis a proprietários não mapuches.
- ⁴⁵ TEUN, Adrianus van Dijk. *Racism and discourse in Spain and Latin America*. Amsterdam: John Benjamins B.V. 2005, pág. 125. Vários autores. "Os homens não nasceram para viver inutilmente e como os animais selvagens, sem proveito do gênero humano; e uma associação de bárbaros tão bárbaros como os pampas ou como os araucanos, não é mais que um bando de feras, que é urgente prender ou destruir no interesse da humanidade e pelo bem da civilização".
- ⁴⁶ Esse trecho, racista e infamante, publicado em Santiago pelo jornal "*El Mercurio*", em 24 de maio 1859, não aparece na edição brasileira do mesmo livro, editado em 2008, pela Editora Contexto de São Paulo, com o título de *Racismo e Discurso na América Latina*. Tive o cuidado de ler e reler todo o capítulo intitulado: *Chile: O caso*

mapuche, da página 119 a 158, e lá não encontrei mais a prova comprometedora dessa criminoso rejeição.